1.º anno | Lisboa, 15 de setembro de 1884 | Numero 12

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha. D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

D'esta vez, devo confessal-o, sinto remorsos de chamar *chronica* aos dois dedos de cavaco semanal com que é forçoso encher a primeira pagina.

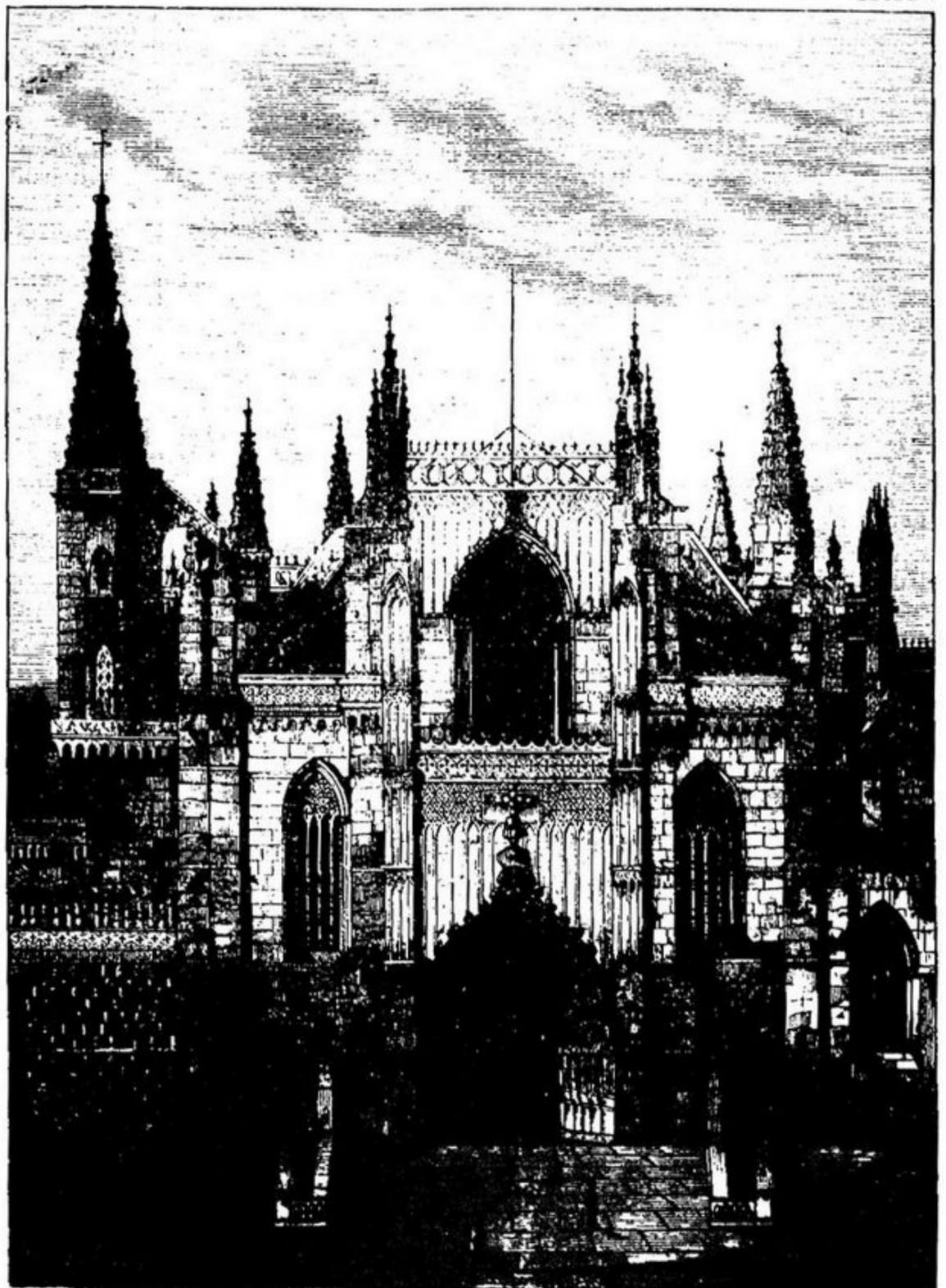
Quizera poder chamar-lhe outra coisa menos preteneiosa e mais consentanea com a ligeireza da sua estructura.

Ha titulos que obrigam a muito, que nos flagellam com um estendal de exigencias, que nos condemnam a verdadeiros *tours de force*: este é um d'elles.

Quem diz chronica, diz uma longa enfiada de pequeninas narrativas tristes ou alegres, desprendendo sorrisos ou gottejando lagrimas, reproduzindo successos palpitantes, acontecimentos da vespera, casos mais ou menos graves, mais ou menos grotescos, dos muitos que ás vezes ahi pullulam, prestando-se ao commentario e á critica, mas que hoje nos faltam quasi por completo.

A leitora deshumana e cruel, sempre disposta a saborear as delicias do ultimo escandalo e a escutar o *compte-rendu* da ultima festa, não quer saber se nós, victimas pacientes da sua tyrannia despotica, luctamos com a pobreza esmagadora do assumpto.

Quer tenhamos mote para a nossa palestra hebdomadaria, de duas columnas de prosa, quer nos sintamos perfeitamente exhauridos de recursos para lhe amenisar as agruras do *ménage* com duas historietas desopilantes, a implacavel leitora não dispensa o *tête-à-tête*, e exige para ali a prosa, a confidencia do escandalosinho que não houve, a noticia do baile que se não realisou, os commentarios ao facto que se não deu.

—Escassea-lhe o assumpto? Pois invente-o.

O CONVENTO DA BATALHA

E o resto pouco lhe importa, comtanto que a habitual *causerie* das segundas feiras lhe não falte e o seu *five ó clock* seja iniciado pela leitura das nossas impressões.

É uma honra, não o negaremos, mas uma honra muitas vezes conquistada a troco de supplicios indefiniveis.

Com o luminoso olhar cravado nas linhas da pagina bipartida onde se gravaram typographicamente estes devaneios de chronista, mal tu imaginas, ó doce moreninha gentil, as difficuldades com que hoje luctamos para te ser agradavel!

—Queres saber? Ainda por cá não temos o microbio cholerico que doudeja pela Hespanha

E não cuides que isto se deva ao rigorismo das providencias sanitarias, com que o ministerio do reino ha por bem encher quotidianamente as columnas da folha official.

Não creias que o inimigo invisivel nos favorece com a sua ausencia, por temor do hospital da Avenida, dos *cordões* de tropa e do lazareto de Marvão.

O monstro asiatico não se arreceia d'essas medidas espectaculosas d'opera buffa.

Se elle nos quizesse ter assaltado, com o seu cortejo repugnante de dejecções pestiferas, de caimbras dolorosas e de vomitos afflictivos, já cá estava. Pouco lhe importaria que as auctoridades lhe batessem na cara com as portas do Norte: lá tinha abertos alguns postigos do Sul, na margem direita do Guadiana, para fazer a sua entrada subrepticia, assim como quem não quer a coisa.

Depois, os directores dos hospitaes e dos lazaretos provisorios são todos umas excellentes creaturas, incapazes de qualquer acto menos cortez que podesse offender as susceptibilidades da epidemia, na sua apparição sobre os plainos da fronteira. Haviam de ter para com ella todas as attenções que costumam dispensar-se a um forasteiro, satisfazendo-lhe as exigencias, enchendo-a de mimos e de favores.

Mas o cholera não quer cá vir, estimada leitora: não quer, positivamente.

Acha isto feio, pobre, acanhado, triste.

Conversando ha dias com o alcaide de Novelda, affirmou-lhe, muito á puridade, entre um copo de *Manzanilla* e um pedaço de torrão d'Alicante, que não visitava a patria da padeira d'Aljubarrota e de Nuno Alvares Pereira para não desfeitear a formosa Hespanha.

O telegrapho não registra, mas as chronicas chocalheiras segredam que o microbio morre d'amores pelas alicantinas de lume no olho, sangue quente, belleza cheia de sensualidade, e meneio estonteador.

Quando em tempos visitou o nosso territorio, ficou desagradavelmente impressionado pelo histerismo e pela marmorea pallidez chlorotica das portuguezas.

Bastava approximar-se d'ellas para as ver cair com um vágado, perneando diabolicamente, em convulsões horriveis.

As hespanholas, não. Essas sabem luctar. Encaram-n'o frente a frente, de mão na ilharga, com gestos d'Angot provocadora, desafiando as suas iras e os seus rancores. Mulheres para tudo, seduzem-n'o com olhares de fogo e com apaixonadas caricias, em que se misturam, a flux, impetos selvagens, osculos satanicos, rugidos de panthera e requebros de odalisca.

Ahi está porque elle não está resolvido a abandonar o paiz visinho.

De resto, parece que a politica anda, tambem, envolvida no assumpto. *Segun se cuenta*, o flagello asiatico percorre a Hespanha ao serviço de Zorrilla, no intuito de operar um golpe d'Estado que ponha em sérias difficuldades o gabinete conservador presidido por Canovas.

Correm ainda outras versões, mas, porque teem um caracter extremamente grave, e porque tu, cara leitora, não és muito dada a assumptos politicos, abstenho-me de as reproduzir.

Comprehendes: poderia suscitar um conflicto internacional...

—Fiz-te uma pirraça, annunciando levianamente, na minha ultima chronica, a triste apparição do outono.

Eu não devia deixar-me embair por aquellas lagrimas hypocritas do ceu, que rolaram antes de tempo sobre a poeira dos *trottoirs*, com offensa da folhinha e prejuizo do nosso *penante* domingueiro.

Os bons dias estivos vieram de novo, trazendo-nos as alegrias luminosas das suas esplendidas auroras.

O peior é que voltaram com elles as temperaturas abrazadoras de julho, fazendo-nos fugir ás recitas da Trindade, em que Aurelia dos Santos e Josepha d'Oliveira, uma na *Mascotte*, outra no *Boccacio*, se disputam os nossos applausos.

Fallar-te-hei d'ambas no proximo numero, e da *Fédora*, e do Gymnasio, e da vinda da Judic, e do protesto solemne lavrado pelas senhoras coristas da Trindade contra a classificação de *menos formosas* com que a nossa penna, sempre justa e sempre verdadeira, as fulminou, no exercicio do seu mister.

C. DANTAS.

UM AVENTUREIRO ITALIANO EM PORTUGAL

II

O modo como Gorani conta as scenas da doença do conde de Oeiras, ou do conde de Oeiras, como elle diz, é perfeitamente grotesco, e mostra no aventureiro italiano um predecessor emerito de Meilhac e Halévy. É uma scena do *Barba-Azul* a que elle nos dá como lembrança authentica da sua residencia em Portugal e da sua permanencia em casa do grande ministro:

«Sua excellencia, tendo precisão de expectorar, deitou um grande escarro composto de muitas côres, como a palheta de um pintor; viu-se immediatamente agruparem-se em torno d'essa expectoração todos os bispos, arcebispos, duques, marquezes, condes, viscondes, barões e outros fidalgos, os presidentes e desembargadores de todos os tribunaes, abbades das ordens monasticas, generaes, almirantes, viu-se todos esses graves personagens a anatomisarem essa secreção e a proferirem os seus prognosticos, e, como a maior parte d'esses excellentissimos eram muito ignorantes, ouviam-se expressões e definições fóra de todos os principios da physica e da physiologia, enunciados com emphase.

«—Oh! dizia um, veja, excellentissimo, veja esse signal certo de um restabelecimento solido; temos agora provas de que a doença do salvador da nossa patria se converterá n'uma saúde constante.

«—Olhe! dizia outro...»

Gorani conta a respeito de Kaunitz, o illustre ministro de Maria Thereza, babozeiras similhantes, mas a observação que o sr. Marc-Monnier faz a respeito d'estas ultimas é que bem se vê que Gorani não é amigo de Kaunitz; a respeito do grande ministro portuguez, acceita, porém, os disparates de Gorani como verdades do Evangelho.

Mas o que é mais revoltante do que tudo quanto até aqui se tem dito, é a historia dos suppostos casamentos que este Gorani conta que esteve para ter em Portugal.

«Este enthusiasmo não durou, escreve o sr. Marc-Monnier: o joven cortezão percebeu um pouco tarde que o conde de Oeiras *(Oeiras)* não era um homem de bem, nem talvez mesmo um homem de genio (!). Mais ainda: que tinha feitios de despota, e crueldades de tyranno, a ponto de zombar dos desgraçados que acabava de immolar. De espirito bastante livre para expulsar os jesuitas que o inquietavam, o ministro *conservára todos os preconceitos do seu paiz contra os judeus* (!!), mesmo contra aquelles que tinham abjurado a sua fé: impediu Gorani de casar com a filha de um christão-novo, porque, aos olhos dos portuguezes, eram necessarias quatro gerações para lavar uma familia do peccado do judaismo. Os que pertenciam a Luthero e a Calvino não eram mais bem tratados de que os que pertenciam a Moysés e a Mahomet.»

Chega realmente a ser irritante que isto se diga e se escreva. O que! pois ha um grande ministro em Portugal, que, insurgindo-se audaciosamente contra os preconceitos do seu tempo e do seu paiz, fazendo entrar a nação que dirige n'um caminho completamente novo, promulga a famosa lei que acabou com as distincções entre christãos velhos e christãos novos, deu por conseguinte em Portugal aos descendentes da raça judaica direito de cidade, restituiu-lhes os seus foros de Portuguezes, e equiparou-os em tudo aos descendentes de antigos christãos, e este benemerito da humanidade, que é tanto mais digno de applauso quanto, annos antes d'elle subir ao poder, se queimavam ainda em pleno Campo da Lã os homens accusados de judaismo, este homem notabilissimo e illustradissimo ha de ser estygmatisado em França por um escriptor notavel, com o epitheto de perseguidor dos Judeus e de intolerante e de fanatico, de homem de espirito estreito e mesquinho! Podia-se esperar que de tudo o accusassem, menos, de certo, de ser elle o protector do preconceito que foi elle o primeiro a extinguir e a derrubar! E' demasiada ignorancia! E' demasiada falta de consciencia!

E comtudo o sr. Marc-Monnier, para contraprovar as asserções de Gorani, podia abrir a *Revista dos dois mundos*, onde encontraria um sensato artigo do sr. Michel Chevalier ácerca do marquez de Pombal; podia folhear a magnifica obra de Ferdinand Denis, *Portugal Pittoresco*, mas nada d'isso fez; acceitou como veridicas as asserções mentirosas de um aventureiro, cuja indole de gabarola elle mesmo reconhece e aponta!

Tambem Gorani podia mentir á sua vontade. Nem no seu tempo, nem nas edades futuras encontrou entre aquelles a quem destinava o seu livro, Francezes ou Italianos, quem lhe mostrasse que estava em flagrante delicto de mentira, a cada instante. Depois de dizer que fôra o marquez de Pombal, com os seus preconceitos, quem o impedira de se casar com uma judia, que, segundo elle **diz, fallava o italiano como uma Genoveza, cantava como uma *prima-donna* de Napoles, e recitava de um modo admiravel os versos de Camões, affirma ainda que lhe offereceram outro casamento, que elle rejeitou desdenhosamente. Poistratava-se nem mais nem menos que da filha de José de Seabra, o procurador da corôa. Oiçamos o sr. Marc-Monnier:**

«Propozeram-lhe outra noiva—a filha do procurador da corôa

Chiabra, que lhe abriria muitas portas, mas elle é que não quiz similhante alliança, e estava morto por se ir embora».

Ingrato! O homem que aspirava á honra insigne de ser seu sogro, e cujo nome elle nem sequer sabia escrever, tivera a amabilidade de lhe offerecer as filhas que não tinha, e o maganão rejeitava-as, e estava apenas morto por se ir embora! E' curiosissimo! uma filha de José de Seabra em 1765! Tinha 33 annos n'esse tempo esse famoso *Chiabra*, como diz o aventureiro, fôra n'esse mesmo anno nomeado procurador da corôa, casára no anno anterior com D. Anna Felicia Coutinho, e já Gorani declarava, com toda a isenção, que não queria casar com a filha d'esse magistrado, apesar d'elle ainda a não ter. Não seria um pouco prematura essa recusa?

Quando se lêem estas coisas, sente-se um profundo desalento. Não ha meio de se conseguir que os estrangeiros nos estudem a sério. A maledicencia de qualquer aventureiro basta para annullar os nossos grandes homens, para ridiculisar a nossa civilisação, para transformar a sociedade portugueza n'uma sociedade excepcionalmente inepta, cujos costumes são do dominio exclusivo da musa burlesca de Offenbach.

PINHEIRO CHAGAS.

A VENUS DE SAXE

I

Abriu-se a grande sala illuminada *a giorno*
e apenas lanço a vista áquellas obras d'arte,
parei na multidão, que me fluctuava em torno.
Ao pé d'um *Bronze Antigo*, a estatua de uma Astarte,
uma Venus, *de Saxe*, a dar um beijo em Marte,
estonteada talvez d'aquelle ambiente morno
no abraço do seu deus, parece que se parte
na curva sensual, quebrada do contorno.
Que immensa perfeição! que formosura aquella!
Até ciumes tive e raiva a toda a gente,
que a poderia ver n'essa nudez tão bella,
e ao voluptuoso deus, que a cinge ao peito, ardente!
Mas, Venus me perdoe, ao vel-a eu simplesmente
tinha estado a sonhar como seria—*Ella*—

II

Deixando então de olhar a olympica deidade,
quiz ver alguem bonito. Ás vezes não desgosto
de espairecer o olhar a ver um lindo rosto.
Faz-me isso bem á vista e ao espirito; é verdade.
Os olhos querem luz. Por isso é que ha saudade,
por isso é que ha tristeza ás horas do sol posto
e se contempla á noite assim com certo gosto
uma estrella qualquer, rasgando a curiosidade.
Mas quando o sol desponta, é d'elle o firmamento,
e aos luzeiros da noite illuminada e bella
parece que de um sôpro os afagara o vento.
Eu estava a ver, não sei se apenas uma estrella,
se uma constellação... sei só que, n'um momento,
vi deserto o salão!... Voltei-me... Entrava *Ella*.

FERNANDO CALDEIRA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CONVENTO DA BATALHA

Este convento de frades dominicos, um dos mais bellos edificios do mundo, no seu genero, foi fundado por D. João I, em memoria da gloriosissima victoria de Aljubarrota, ganha em 14 de agosto de 1385.

A sua architectura, normando-gothica, attribue-se a Affonso Domingues e é um verdadeiro primor, admirado por nacionaes e estrangeiros.

A casa do capitulo do mosteiro da Batalha tem a forma quadrada, com 19 metros de lado. Repouzam ali as cinzas de el-rei D. Manuel e as de seu neto, o principe D. Affonso, que morreu em Santarem, da queda d'um cavallo.

As *capellas imperfeitas*, obra de el-rei D. Manuel, são de uma magnificencia assombrosa. Os ornatos rendilhados do portico constituem um trabalho delicadissimo e inimitavel.

Finalmente, tudo n'este magestoso edificio é da maior sumptuosidade e aprimorado gosto, não havendo, talvez, no mundo, outro que o eguale em bellezas architectonicas.

A sua construcção iniciou-se em 1388.

A Batalha, onde o famoso monumento exhibe os seus esplendores, é uma villa da provincia da Extremadura, no districto de Leiria, e fica a SO. da cabeça do districto, distante d'ella 11 kilometros.

É capital do concelho do seu nome.

Passa junto d'Alcobaça o pequeno rio Lena, que vae juntar-se ao Liz, em Leiria.

PROMPTA PARA O BAILE

Uma loira gentil,—deve ser loira,—como as virgens de Rafael, e de olhar meigo com scintillações de ternuras dedicadas. Um vime, em que se percebem facilidades de dobrar-se. Um anjo com azas occultas. Uma filha *du monde* elevado, parecendo querer elevar-se ainda mais, até áquellas regiões soberbas que apenas entrevê em sonhos.

Deve ser adoravelmente meiga, mas... rosa entre as rosas, quiz mais uns espinhos, e, metteu nos cabellos um perfume e um punhal—uma arma para as vertigens do baile.

Espinhos na trança, espinhos no seio, e no olhar pudico, honesto e ardente o iman das tentações!...

O ENLEVO DA FAMILIA

Falta alguma coisa n'este grupo alegre: o marido, um rapaz espadaúdo, alto, forte e risonho.

Está longe, e ella revê, no espelho fragil que o amor lhe offereceu, o retrato um pouco vago do pae ausente.

E elle, o formoso *bébé*, perna aberta, meio nú, quasi a rir, parece comprehender os desvelos que lhe dispensam, e deixa-se ficar assentado, como um rei pequeno, despotico.

O outro, descalço, chapeu de palha no alto da cabeça, jaqueta curta, chibata em punho, pede parte do bolo á magestade loira, que faz ouvidos de mercador, em quanto a mais velha, uma anafada e sadia moçoila, lhe diz com meiguice:—e á manasinha não dás?—

Não sei... mas aquelle sorriso da mãe... Está-me a parecer, meu loiro, que ao chegar o author dos teus dias serás um pouco esquecido...

CONDEMNADO Á MORTE

Um bello coração o d'aquelle traquinas de sete annos, que chora as segundas lagrimas talvez!

Ao ver, junto do gallinheiro, os preparativos da carnagem, a sua alma juvenil confrangeu-se, e, com a garganta em soluços que o suffocavam, voltou-se triste e commovido para a paredé—a sua confidente fria.

A avó, com o sorriso velho que a edade lhe deixou, olha-o de baixo, sem comprehender, porventura, a afflicção pungente que dilacera o coração bom d'aquella aurora d'illusões, a quem vão roubar uma das maiores alegrias.

Chora, criança, chora: e oxalá que decepções futuras, muito mais para sentir do que a morte d'um gallo, te não roubem outras crenças douradas!

UMA CARTA DO BRASIL

Estavam ambas entregues ao labor da costura.

A tia velha cuidava de concertar as brancas meias de linho cazeiro, que o tempo e os attritos do sapato esboracara.

A sobrinha, uma perfeita rapariga de dezenove primaveras, com exhuberancias de seio e faiscações metallicas no olhar ardente, fazia rendilhados caprichosos de *crochet*.

N'isto batem á porta. Era uma carta d'elle, do priminho saudoso, que o correio trouxera de muito longe, das terras de Santa Cruz.

A missiva d'um primo nunca é indifferente, sobre tudo quando falla de esperanças, d'amor e de saudades, antevendo o realisar proximo de sonhos muito azues, de promessas muito côr de rosa...

Por isso ella é toda alegria no olhar e no sorriso.

Por isso não ha uma unica palavra da cartinha adorada, que se lhe não grave no espirito e no coração.

Depois, elle diz que volta breve e que o tem ajudado a fortuna. Esse regresso e esses doces bafejos da sorte constituem para a boa rapariga um poema infinito de venturas.

Como lhe parecerão longos os dias que a separam do suspirado ausente!

C. D.

A RAZÃO

Ergui o meu olhar cançado e pezaroso
para a amplidão do espaço immenso e luminoso
a procurar um Deus;
Interroguei o sol, a estrella vespertina,
A lua scintillante, alvissima, argentina
e a immensidão dos ceus.

E a lua, a estrella, o sol, os ceus, o espaço... tudo
N'um coro silencioso, indefinivel, mudo
me respondeu então:
«Se queres ver o Deus immenso, extraordinario,
«Abre, tambem, poeta, ó doido visionario
«os olhos da razão!»

COSTA ALEGRE.

PROMPTA PARA O BAILE

CONDEMNADO Á MORTE

(Quadro de Antonio Rotta)

O ENLEVO DA FAMILIA (Quadro de Gustavo Igler)

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

A *preposição* da ultima charada novissima do n.º 11 é preposição latina.

*

MARGOT.—A nota junta ao problema n.º 7 do xadrez, e por erro de imprensa posta ali, quando devia ir em seguida á solução do n.º 6, não podia de fórma alguma pertencer ao n.º 7, por quanto, n'este problema, os movimentos são forçados. Só um mau jogador, ou aquelle que não perceba nada d'isto, podia suppôr tal. Fica, pois, de nenhum effeito a sua observação.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Olhei alegre para esta Deusa, por ser mulher—1—1—3.

Este instrumento é a tranquillidade do sacerdote—1—1.

Tenho direito á astucia d'este homem—1—2.

Reguengos. MATTOS MENDONÇA.

E' appellido e não ouve esta villa—1—2.

Todos temos e é duro este peixe—2—1.

MANUEL DE SOUSA.

Este marisco toca e vôa—2—2.

N'este momento afflige o prégador—2—1.

Cartaxo. T. R.

EM QUADRO

. . . . Na viagem
. . . . No jogo
. . . . No inverno
. . . . Nas terras

HOPE.

ELECTRICAS

A's direitas nunca dorme e ás avêssas nem de barro á porta—2.

A's direitas doença e ás avêssas adverbio—2.

TRIANGULARES

Nos rios de Portugal
E' um peixe mui vulgar.—
Nada ha que tanto enleve
Como ouvir isto cantar.—

Minha *terceira* em Aveiro
Ou Setubal encontraes.—
A *quarta* está na Bahia—
Vogal *quinta* e . . . nada mais.—

J. L. P. DE CARVALHO.

EM VERSO

Com *d a* dá, no fim posto } 2
Nem todas são, meu amigo. }

Trocando a vogal do fim } 2
E' onde se piza o trigo. }

Se tu queres decifral-a
A' noite, quando estás só,
Repara na tua frente
Que lá está todo liró!

C. S. F. P. M.

No tribunal } 1
Me podem ver. }
N'um animal } 1
Hei de appar'cer. }

Sou instrumento } 1
Bastante usado. }
Um verbo inglez } 1
Muito empregado. }

Em noites de tempestade
Um risco indico tambem
A's vezes, porém, o perigo
Junto commigo não vem.

D. BASILIO.

ADIVINHAS POPULARES

Devendo aos quatro elementos
O vir a ser o que sou,
Sempre recebo mau pago
Da gente com quem me dou.

Sou abafado e depois
Em um carc're me vão pôr,
Onde não mudo a figura
Mas do rosto mudo a côr.

O povo todo me busca
Pois necessita de mim
Tive creação aos murros,
Tenho as facadas no fim.

P'r'andar me põem a capa,
E m'a tornam a tirar;
Não posso andar sem a capa,
Co'a capa não posso andar.

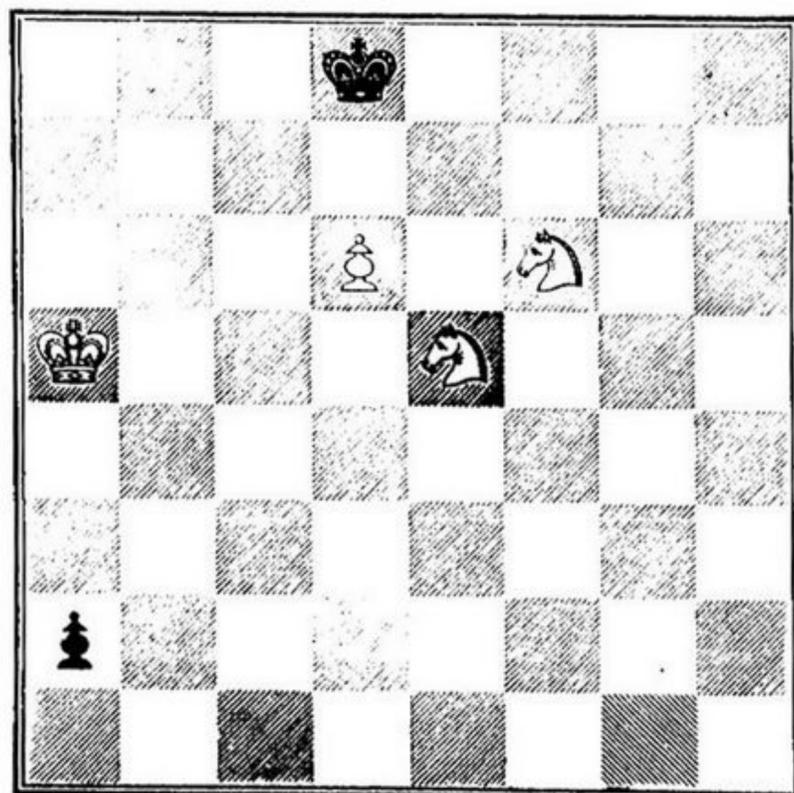
PALAVRAS EM TRIANGULO

No mar sempre a calma traz
Este brilho em noite estiva.—
A rilhar nunca se esquiva.—
Concede quem assim faz.—
Tumor que não mortifica.—
Nos hortejos é usada.—
P'ra branquear empregada.—
Movimento significa
Este verbo no imperfeito.—
Termina com a primeira.—
E disse... não ha conceito.

Bensafrim. G.

XADREZ

PROBLEMA N.º 9

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

J. OOM.

LOGOGRIPHO

N'esta cidade encontrei—1—4—6—5—6—7
Um jogo que é bem vulgar—5—2—1—4—3—7
E logo isto experimentei—3—4—5—5—2—5
Vendo tal mulher jogar—5—6—3—3—7

Para conceito, leitor,
Eu só devo acrescentar
Que n'este jogo é costume
Mais perder do que ganhar.

Covilhã. NARCIZO.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Amos.
Mono.
Onça.
Soar.
2.ª—Patacho.
3.ª—Charola.
4.ª—Jacaré.
5.ª—Amora.
6.ª—Manobra.
7.ª—Levita
8.ª—Prothese.
9.ª—Eva.
10.ª—Osso.
11.ª—Ama.

Do logogripho:—Anglo.
Xadrez—Solução do 8.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. D. 5 B. R. cheque.	1. R. 2 B. R.
2. D. 7 D. cheque.	2. R. casa B. R.
3. D. 7 R. cheque.	3. R. casa C. R.
5. D. 7 C. R. cheque e mate.	

Do problema.—Encontram-se no fim de 28 $\frac{12}{23}$ dias, suppondo que o movimento é uniforme em cada um dos dias.

A RIR

N'uma sala:
Então, *vocencia*, minha senhora, está resolvida a partir para Hespanha?
—Assim é preciso.
—Pois sinto-o devéras, porque vae envelhecer.
—Eu?
—De certo; aproximar-se-ha forçosamente da *quarentena*...

*

Estrategia chineza em Fou-Tchéou:
Um artilheiro do Celeste Imperio.—Os navios francezes aproximam-se...
O mandarim.—Faça-lhes um tiro de peça.
O artilheiro.—Estão ainda muito longe; a bala só chegaria a meio caminho.
O mandarim.—N'esse caso atire-lhe dois!

*

No Chiado, de passagem:
—V. Ex.ª de luto, minha senhora?! Quem lhe morreu?
—Um parente affastado.
—Algum primo?
—Não; foi meu marido.
—E chama-lhe affastado?! Como assim?
—É que elle estava no Rio de Janeiro.

*

Calino, que já completou 60 janeiros, pergunta onde se vendem corvos: quer comprar um.
—Para que precisa você de corvos em casa? pergunta-lhe alguem.
—Toda a gente me diz que estas aves vivem tres seculos: vou experimentar se é verdade.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

CONVERTER OS GRÁOS FAHRENHEIT EM CENTIGRADOS

Aconselhamos o meio seguinte como altamente pratico:
Do numero dos gráos Fahrenheit diminuem-se 33; multiplica-se o resultado por 5, e divide-se este producto por 9.
100 gráos centigrados equivalem a 212 Fahrenheit.

A SANTA INQUISIÇÃO

Toda a gente conhece, mais ou menos, os beneficios incomparaveis que trouxe ao reino fidelissimo este humanitario tribunal; mas o que alguns ignoram é a extrema caridade com que os devotos inquisidores tiravam as almas perversas das garras do demonio, para as entregar ao Senhor. No virtuoso intento de radicar os bons costumes, abraçavam os denunciantes como enviados de Deus: as dilações d'estes eram o principal fundamento dos processos contra a canzoada dos judeus e dos herejes. Tamanha intimação faziam d'aquelles benemeritos, que até os procuravam, mandando percorrer as diversas terras devotos visitadores, que annunciavam a sua chegada com missas, predicas, procissões e outras coisas do céo; ao mesmo tempo, convidavam por editaes os amigos denunciantes.

Durante a visita não se procedia a prisões, salvo se havia suspeitas ou receios de fuga; então o visitador solicitava ás justiças seculares, ou ecclesiasticas, para que *com alguma causa corada, e sem se entender que é por ordem sua, retenham na cadeia as ditas pessoas*: são as formaes palavras do *Regimento do S. Officio*, ordenado, em 1640, pelo muito reverendo bispo D. Francisco de Castro.

Recebida a delação, enviavam-se as testemunhas indicadas, escreviam-se os depoimentos e mandavam-se ao promotor, para este requerer a prisão. Deferido o requerimento, passava-se o mandado, ou a competente precatoria, quando o denunciado já se achava preso *por alguma causa corada*, e o meirinho, ou familiar, apresentava o reu no tribunal. Depois de se lhe passar busca, e de se lhe perguntar se fôra bem tratado, exortavam-n'o a confessar as culpas, promettendo-lhe misericordia. Na despedida d'esta primeira e agradavel entrevista recommendavam-lhe que estivesse socegado no carcere, não fallando alto, nem procurando saber o que se passava nos visinhos.

Se o reu era *negativo*, o que na suave linguagem dos angelicos inquisidores queria dizer—não confessar as culpas—era submettido a tres interrogatorios, o primeiro dos quaes se effectuava dez dias depois da prisão no Santo Officio. Versavam as perguntas sobre a filiação e parentesco do preso, e a sua edade; se ouvia missa, se estudava ou tinha estudado, se viajára por fóra do reino e finalmente se sabia porque estava preso. Se elle dava resposta negativa, nada lhe declaravam, mais do que dizerem-lhe: *«está preso por culpas, cujo conhecimento pertence ao S. Officio»*. Mandavam-lhe rezar o Credo, Padre-Nosso, Ave-Maria e Salve-Rainha, e dizer os mandamentos de Deus e da egreja. Retirava-se para o carcere, onde o esperavam algumas contrariedadesinhas, como escuridão, isolamento, fome, ar infecto, etc.,—para desconto dos seus peccados.

Passado um mez, era sujeito a segundo interrogatorio sobre as culpas de que havia sido accusado. O terceiro e ultimo interrogatorio, que era o mais breve, versava principalmente sobre os factos declarados pelas testemunhas, mas de modo que nunca o reu as podesse conhecer. Estas «admoestações», como lhe chama o Regimento, podiam repetir-se, se ao tribunal parecesse conveniente. Concluidas ellas, seguia-se a formação do libello, que era apresentado ao reu, dando-se-lhe traslado, se elle soubesse ler.

O reu podia então constituir advogado, mas só entre os denominados *procuradores dos presos*, creaturas do S. Officio, perante o qual prestavam juramento, no acto de acceitar a defeza, de «desistirem d'ella, se pelo decurso da causa se convencessem de que o reu pretendia defender-se injustamente». Recusando-se o reu a escolher advogado, era-lhe nomeado pelos inquisidores.

Retiravam-se para outra casa o advogado e o reu, acompanhados pelo meirinho e um solicitador, e ali formavam a contrariedade, para a defesa da qual podiam nomear até quatro testemunhas: se alguma d'ellas tivesse fallecido, dizia-se ao réu que desse outras, sem se lhe declarar o motivo. Não só n'isto, como em todos os actos do processo era essencial condição o segredo: *«Guarde-se segredo com particular cuidado*, recommendava o Regimento a que já nos temos referido, *não só nas materias de que poderia resultar prejuizo, se fossem descobertas, mas ainda n'aquellas, que lhes parecerem de menor consideração, por que no Santo Officio não ha cousa em que o segredo não seja necessario.*

Rectificados os depoimentos da accusação, e recebida a defesa, procedia-se á publicação, á qual assistia o reu, havendo, todavia, a cautella de se lhe não declararem os nomes das testemunhas, nem a época, nem o logar onde tinham deposto. Recebiam-se contradictas, para comprovação das quaes era licito nomear até seis testemunhas, das quaes só eram interrogadas tres.

Succedia haver tão preversos hereges, que nem pelo diabo... perdão, que por coisa nenhuma abjuravam das suas crenças: nomeava então o S. Officio pessoas religiosas, doutas, versadas na lição e interpretação das letras divinas, para que disputassem com o herege e o convertessem. Mas estes perros, antes de terem sido *contumazes*, haviam sido, por via de regra, *negativos*, ou *diminutos*; isto é, ou negavam as culpas de que eram accusados, ou só confessavam parte. Em taes casos, os do S. Officio faziam escre-

ver: «Que visto os indicios que resultam dos autos e da prova da justiça, de ter commettido o crime de que é accusado, mandam que antes de outro despacho seja o reu posto a tormento, onde será perguntado por suas culpas, para que manifeste a verdade, para salvação da sua alma e das pessoas com que as houver commettido, ou sabe commetteram o dito crime.» N'estas ultimas palavras se revela a esperança que tinha a Santa Inquisição de obter por tão suaves meios novas colheitas d'almas para o Senhor, e fartura de gente para o magnifico espectaculo das fogueiras.

Depois d'aquella decisão seguia-se uma scena divertida, mas honesta e religiosa. Representa-se n'uma vasta quadra, alumiada por duas tochas, que ardem ao lado de um grande crucifixo: na cabeceira de uma larga mesa forrada de preto assentam-se os juizes, com os seus trajos clericaes, e de frente d'elles está o reu, de pé. A um lado uma trave forte bem aprumada, com um braço, de que pende uma polé, na qual está passada a competente corda. Do outro um cavallete. Proximo dos juizes, o notario, um clerigo d'ordens sacras.

Perguntava o presidente do tribunal ao reu se jurava dizer a verdade, mas se elle nada confessava, ou confessava sómente uma parte das culpas, mandavam-se entrar em scena novos personagens: dois carrascos com os rostos cobertos e com elles o medico e o cirurgião da casa. Atavam-se as mãos do paciente á corda da polé, e depois de bem seguras approximava-se d'elle o reverendo notario, para lhe recitar esta maviosa antiphona: «Nós que presentes estamos, em nome dos Inquisidores e mais ministros do despacho do teu processo, protestamos, que se tu, reu, no tormento morreres, quebrares algum membro ou perderes algum sentido, a culpa será tua, pois voluntariamente te expões a este perigo, que podes evitar confessando as tuas culpas, e não será dos ministros do S. Officio, que, fazendo justiça segundo merecimento da tua causa, te julgam a tormento».

Terminada esta jocosa falla, era o reu guindado amorosamente até á altura do moitão, d'onde o largavam de subito, cahindo com todo o peso do seu corpo e ficando suspenso um palmo acima do pavimento. Devia ser uma deliciosa sensação a d'elle, ao desconjuntarem-se-lhe os ossos; e os gritos que exhalava e que pareciam arrancados por uma enorme dôr, decerto reprimiam um gozo ineffavel. Se apesar de tantas meiguices, ainda assim não satisfazia completamente ao interrogatorio dos senhores juizes, mandavam estes continuar o honesto recreio; e quando o medico avisava de que o paciente podia morrer de jubilo, faziam-lhe a caridade de mudar o supplicio, mandando-o para o potro. Já era amor!

Este ultimo supplicio nunca se applicava ás mulheres por causa da decencia. Aquella deleitosa sessão de gymnastica podia repetir-se varias vezes no mesmo reu, com ordem expressa do tribunal superior. Havia, além d'estes, que não sabemos o que seria, o *trato esperto*, mas ácerca do qual diz o Regimento: «Sendo necessario dar trato esperto nos quinze dias antes do auto, por não irem os presos a elle mostrando os signaes do tormento, lh'o darão no potro».

Por ultimo proferia-se a sentença, que sendo condemnatoria concluia sempre com estas edificantes e misericordiosissimas palavras: «...o condemnam (o reu) e relaxam á justiça secular, a quem pedem com muita instancia se haja com elle benignamente, e não proceda a pena e effusão de sangue». Ora, a dita justiça secular, condescendente e generosa desfazia-se em obsequios para com o reu. Por exemplo: «...condemnam ao R. que, com baraço e pregão, pelas ruas publicas seja levado á Ribeira d'esta cidade, e assim esteja levantado em um poste alto, e queimado vivo, feito por fogo em pó, por maneira que nunca de seu corpo e sepultura possa haver memoria. — E o condemnam, outrosim, em perdimento de seus bens para o Fisco e Camara Real, posto que ascendentes e descendentes tenha, aos quaes declaram por incapazes, inhabeis e infames na fórma de direito e Ordenação, e pague as custas d'estes autos».

Como n'aquelle tempo era suave e juncado de flores o caminho doce o! *Gloria in excelsis!*

DELPHIM D'ALMEIDA.

UMA CARTA DO BRAZIL (Quadro de B. Woltze)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA